
TEMPO DE HAVER
(os relógios da psicanálise ou o suicídio da borboleta)

MD Magno
ECO/UFRJ

Para Marcio Tavares d'Amaral,
homem decente em tempos cínicos.

#1. A verdade sobre a Pulsão (isto é, o/a Tesão, que Freud chamou de *Trieb*) é que ela é de morte. Sendo que a dita de vida, pois que a morte não há, é 'só' a que resta desse morrer impossível. Assim como o princípio de realidade decorre do princípio do prazer, como sobejo se sabe. É que a só realidade, feita de tudo que há, se acha submissa ao absolutismo da ALEI - que se enuncia Haver desejo de não-Haver¹. Pouco importe para nós que existam buracos negros ou não. Mas a Estrela Negra, essa que não-Há mas nos atrai assim mesmo, como a grande Causa única de qualquer moção... Não havendo não-Haver, pelo menos de fato ali no duro do primário, como é evidente, então a Pulsão esbarra nisto e não pode senão revirar, adentro do seu próprio curso, para então tornar a voltar, tentando sempiterna só cumprir ALEI, repetindo e repetindo a sua vocação. Obrigação de repetição (*Wiederholungszwang*) que, afinal, não é outra coisa senão a propriíssima pulsão, modelo adequado e efetivo de todas e quaisquer repetições que, aliás, não fazem outra coisa senão repetir e repetir, através das formações do Haver, aquela originária petição. Pois é. É simples assim desde que Freud, embora um

¹ E assim se estenografa: A♦Ã.

pouco tardo em sua fabricação, pôde notar o que advém afinal a seu inocentado princípio do prazer.

2. Cumprisse-se, não A LEI, mas o desejo que nela se exara, como gozo impoluto, sua 'energia livre' e sua passagem a não-Haver, e Tempo não haveria, como tudo aliás, ou como nada. Trezentos mil quilômetros por segundo é só meia quisquilha perante a corrida da Pulsão em seu estado puro - o Tempo absoluto, tempo do gozo absoluto que não haverá de ser topado. Mesmo a da luz, tal como pela ciência concebida, ela ainda se envisca, pois que 'energia ligada'. Como pulsão, sumiço de qualquer Tempo pensável, o átimo, mais do que de tudo a nada, pois que de Haver a não-Haver, nem mesmo zeraria, vez que nem zero haveria para contarmos... sua história sabidamente tão farta. Mas se não há não-Haver, então ALEI se cumpre - inexorável, indefectível - na sustentação inarredável, inelutável, (não de um desejo impossível, mas) de um desejo de impossível que estilhaça nossa cara, nossa caríssima unidade, em fractálias do Haver, estas agora gozáveis. E aí o Tempo surge.

#3. Maneira de dizer, que o Tempo surge, porque ele sempre lá estava, e tão conspícuo, uma vez que não há passe e que o Haver, desde sempre e para sempre, consistiu deste outro lado - que é o mesmo que habitamos e onde pensamos que o pensamos, mas que nada! Ou quase nada. Pois mais é que o sonhamos segundo as formações de que dispomos - como supostos adimplentes gnômones que para nós o revelassem. Mas *formações* (deixo isto para outra ocasião) *reparáveis* (reparemos bem nisto).

#4. Impossível definir o Tempo? Mas é claro, mas é claro, mas é claro que não. Aliás não há mais o que fazer a respeito de Tempo -

que por si mesmo, como fato, nunca é infinito, pois que, para nós, ele sofre escansão. Mesmo de-fini-lo como 'infinito' já é escandir alguma sua suposta unitária feição. Mesmo a supô-lo transcendido para além das formações, a reger independente e estadeado as variáveis do Haver, ainda que bobagem, é o limitarmos e o prendermos em uma sua nossa de-finição. Mas é claro que ele escapa, igualzinho a qualquer outra formação, de ser apreendido, de inteiro, por quaisquer formações que se queiram gnômones de sua manifestação. De um lado como de outro desses empreendimentos do saber, o que paira são fatos, a serem certamente, cada qual a seu modo, inter-ferentes, mesmo por vezes inter-referentes, uma vez que, a nosso ver, só há fatos, não há interpretações. O fato Tempo não é o fato de sua Definição. Mesmo o não-Haver, que não há de fato (no primário), porque há de direito (isto é, como fato secundário), dele podemos falar e, assim, o definir. O Primário não é o Secundário², mesmo que não sejam heterogêneos quanto a seu modo de se formar³.

#5. O TEMPO É O ANDAMENTO DE UMA FORMAÇÃO, DA MÚSICA DE SUA RESISTÊNCIA, DE SUA RESISTÊNCIA A PASSAR A NÃO-HAVER. Não passar mas podendo recair no vazio da indiferenciação e na exasperação da diferença criadora, quando vibra o Gnoma⁴ e se hiper-

² No sentido do vocabulário da **Nova Psicanálise** (Cf. meus **Seminários** a partir de 1986). Neste sentido, o **Primário** (composto de **Autossoma** e **Etossoma**) é o que vem escrito na 'imbecilidade cósmica' (Nietzsche, **Aurora**, fragmento 130) como no vivo; o **Secundário** sendo o campo disso que comumente chamamos de simbólico. *Nova Psicanálise, Made in Brazil*, é algo que se ousa na esteira de uma herança rígorosa, apesar da **Católica Apostólica Freudiana**, da **Universal do Reino de Lacan** e de outras **seitas menores** mas não menos campeãs.

³ Eles diferem é quanto a seus materiais.

⁴ Não só não necessito como dispenso determinada e terminantemente o termo de **sujeito**, termo este francamente com-

determina um evento como Hora de renovação. Não passar mas se consumir em outros gozos, os possíveis gozos de sua transformação. Não é o Tempo que regula a música - é de cada música que emana qualquer Tempo, o de sua duração, seja música nova ou de repetição. Não é o *monumento* que dura no tempo, é o Tempo que dura no *monumento*⁵. No compulsório da pulsão, é a repetição que faz o Tempo, não é o Tempo que faz a repetição.

#6. Esse tempo absoluto de que falo é aquele que unifica os outros todos. Mas sem jamais amestrá-los. Que sim os esvazia segundo uma indiferença que nada tem de *apatia*. Mas sim que referida à hiperdeterminação⁶ que, então, a exaspera como a diferença pura - essa que, para além das 'internas' do Haver, entre Haver e não-Haver nos angustia. E esse Tempo é simples referência, mas só depois de uma certa experiência, passada então a essa estrita categoria. Assim, não há Tempo 'exterior' ao Haver. Portanto, não há também questão do seu começo. Todo Tempo lhe é 'interno': imanência radical. Qualquer Tempo é só uma de suas formações, quer dizer, a pura

promissado com certa linhagem filosófica que acabou por conseguir o poder de forçar a redução da experiência psicanalítica e de sua decantação teórica. Isto porém não é necessário, como também essa tal via não se impõe inarredável. O termo de **Gnoma** não vem, de modo algum, meramente substituir o de Sujeito: trata-se de bem outra formação. Assim como o termo mais indicativo de **Idioformação**. (Cf. meus **Seminários** mais recentes). O Gnoma não é Sujeito, porque não é o *subjectum* de nenhuma Formação do Haver, mas tão somente uma sua **co-moção**. Uma Idioformação não é Sujeito porque é tão somente uma Formação do Haver **eventualmente co-movível**, na sua *ratio* de Gnoma, pela Hiperdeterminação.

⁵ "Lembre-se, o universo não se expandiu num espaço existente depois do big-bang: sua expansão criou o espaço-tempo à medida que se processava". SMOOT, George. e DAVIDSON, Keay. **Dobras no Tempo** (1993). Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 307. Assim como no *monumento* não erigimos um nosso encontro com a Morte (Heidegger), mas a perplexidade de sua não-havência - isto é, aquilo que Freud quis chamar de *castração*, a qual, como afirmamos, não passa da queda da reversão em irreversão, da perda de simetria em sua quebra agoraqui inapelável e irredimível. E Cioran: "a música é tempo sonoro" (**Oeuvres**, Paris: Gallimard, 1995, p.367).

⁶ Ver este conceito em meus **Seminários** a partir de 1986.

e simples resistência dessa formação⁷. Entre Haver e não-Haver, abolidas as resistências das formações, não há Tempo nenhum a ser considerado, senão esse inconsiderável e imprevisível Tempo absoluto e intátil do sumiço ou da suspensão. O Tempo 'outro', isto é, aquele *mesmo* que há, só é considerável, previsível quiçá, segundo as oportunidades das aplicações de formações a formações, com a decepção roendo seu entendimento e sua notação.

#7. Fazer alguma 'previsão' do Tempo só pode ser considerar os meteoros, cada qual nos impondo sua atmosfera singular. Tarefa dificultada pelo Caos que às vezes se apodera de alguns fluxos ali, mas que faz Tempo também durante as turbulências do entender. Sujeito a chuvas e trovoadas, a tem-pes-ta-des de não se conter, o Tempo desacata nossos cálculos e desarvora os gnômones dos sóis. Tão bom que o Português equivoque seu Tempo, diversamente dos distintos *weather* e *time* do trinchante Inglês: que na língua já se sente o gosto mesmo de cada formação, como fruto de sua estação no seu modo próprio de Haver, e fruto que se pode *saber*. O Tempo, como só poucas vezes se diz, é sempre *meteórico*, da doída pedrada do monólito ao arco-íris da pacificação. Sabê-lo no Primário, sensação, não é sabê-lo no Secundário - quando passamos discorrentes do Haver ao Ser.

⁷ Quando éramos crianças, nos era dado um sabonete grande e duro, chamado *Vale Quanto Pesa*, capaz de resistir à nossa teimosia em não sair de dentro d'água. Com ele nós pudemos sapremar o Tempo: o *dura quanto banho* do *vale quanto pesa*.

#8. A estrutura do que acontece só-depois (*Nachträglichkeit*), que tem ela a ver com Tempo, senão o fato puro e simples de alguma obrigatória sucessão? Quer dizer, o só-depois não é, como se glosou, a temporalidade mesma do Haver (ou do Inconsciente, como se apostou). E quando se o pespega a alguma idéia de Tempo, é a de algum relógio crônico e externo que se está impondo ao simples fluxo de sua fila indiana por se recorrer. Foi no sentido da não-universal hegemonia deste relógio que Freud nos apontou a acronia e reversibilidade que apontou. O Tempo da fala, da escrita, da caminhada, de um per-curso enfim, é dali mesmo que ele roreja, e não o contrário, como a gente se enganou. Sem o antes-ainda não há o só-depois, quando se trata, digamos redundantemente, do diacrônico, melhor: do linear, do serial, do melódico, do diatônico, da seqüência enfim; e não do sincrônico, quer dizer: do espesso, do harmônico, do sinfônico, do simultâneo então. Aí também não é o Tempo que determina a sucessão, mas sim o sucessivo que secreta o Tempo de sua duração. É claro que tudo isto convive em acordo primal com a Flecha do Tempo, lateralizada e irreversível durante todo o périplo do Grande Meteoro, o Haver em cada sua plerômica estadia, no asserto da sua própria temporada, porém só antes ainda da intempérie do seu completo Revirão.

#9. Mas o Tempo de Haver, com sua flecha, então ele não é definitivamente irreversível? Pois não, pois não, pois não porque não. Se estamos por agora mergulhados num universo (entre muitos ou um só, pouco ou nada isto aqui nos importe) que durará quantos zilênios para revirar, então tudo bem. Mas a irreversibilidade de sua atual situ-

ação não condiz muito bem, a longuíssimo prazo talvez, com a existência, no seu próprio seio, de nossa revirante cabeça, mesmo quanto a passado e futuro, "simetria de direito e dissimetria de fato"⁸, de nossa fabulação reversível, responsável pelas nossas inventices, secundárias é claro, mas capazes de intervir proteticamente no Primário (ou então não existe o avião). E isto, com ou sem *Princípio Antrópico* para asserenar a nossa preciosa sensatez. O que, aliás, é o estatuto mesmo do trágico, conforme alhures já iniciei: a disjunção, insuportável e irresolúvel, entre um fato agoraqui irreversível e sua reversibilidade proposta pelo outro fato de nossa desejosa imaginação. Quando isto tem jeito, foi-se o trágico - e comparece a criação. Mas só-depois de uma rigorosa suspensão: por indiferenciação⁹.

#10. O agora famoso 'tempo lógico', de Lacan, tem nada a ver com Tempo senão o custo de uma duração. Trata-se mesmo é de um aparelho de decisão - mas decisão sem cálculo, insopitável, ou pelo menos sem cálculo final. E, como tudo naquele medievo Lacan (isto é, dele mesmo em sua própria média idade aural), estritamente subdito aos remelexos da chicana judiciária (donde o gosto por Gracián), único recurso, em última instância, de qualquer aparelho que se escore estrito no 'simbólico', aliás obscenamente jurídico por ali (tara geral do falecido estruturalismo de múltipla feição). Donde a *ilusão de justiça* (Kelsen) que se pode conseguir, por 'interpretação', assim no foro como no divã. Não foi por menos que se tornou

⁸ BEAUREGARD, Olivier Costa de. In LAUTMAN, Albert. *Symétrie et Dissymétrie en Mathématiques et en Physique: LE PROBLÈME DU TEMPS*, p. 234. In *Essai sur l'Unité des Mathématiques et Divers Écrits*. Paris: 10/18, 1977, 319p. Monografia hoje clássica para a história das ciências, mas superada pela paradigmática atual.

⁹ Nietzsche: "Há cumes da alma desde onde mesmo a tragédia deixa de ser trágica". *Paralém de Mal & Bem*, fragmento 30.

necessário o último Lacan: aquele fernandenriquemente propugnando pelo seu Real - apesar de enrascado nos seus nós. Outra coisa é a 'sessão curta', filha da rápida seção - antes ainda que se aumente demais o visgo daquela transação. Não se pode acusar Lacan dessa tolice, se não oportunismo ou impostura, de juntar 'tempo lógico' com a rapidinha psicanalítica, logo ele que soube denunciar o impropério da associação¹⁰. O 'tempo lógico' pode (e costuma) esperar horas, dias, semanas, meses, anos, décadas talvez - e não serve de desculpa sofisticada e teoretizada para as ganâncias denegadas do extorquês.

#11. Outra coisa também é a série triádica de Lacan, esta sim, de certo modo efetivamente crônica, do *instante de ver* seguido do *tempo para compreender* terminado pelo *momento de concluir*, na qual só não há concomitância do primeiro e do terceiro termos *por causa* do Tempo da estupidez, esse que passa pela resistência à concepção: resistência de quantas formações a assimilarem tantas outras formações.

#12. Os relógios do Haver são cada uma e toda formação. Os da psicanálise também. Só que ela os trata como bombas-relógio - a

¹⁰ Tempo nenhum, esse 'lógico' mais se aproxima do araque (*al arak?*), como na estorinha árabe da escolha de um entre *Os Três Noivos de Dahizé* para a princesa, narrada n'*O Homem que Calculava* (Capítulo XXI), que líamos em nossa adolescência, e onde o Professor Mello e Souza, nosso Malba Tahan, o ensinou a Lacan que o teria 'esquecido' para lembrar-se *vagamente* só-depois, como de algum 'argentino' quem sabe talvez. Se não por nada, como 'mera curiosidade', posso declarar que foi uma conferência desse mesmo Professor sobre *A Topologia da Banda de Moebius*, que assisti, no auditório da Academia Militar de Agulhas Negras, no primeiro semestre de 1957, a primeira das duas referências que me fizeram mais tarde me interessar pela visada de Lacan. A outra foi um artigo de Otto Fenichel que li em 1962, *The Symbolic Equation: Girl=Phallus*, publicado nos seus *Collected Papers* de 1954 pela Norton de NY. Este corretamente apontado por Lacan, pois não se tratava de nenhum autorzinho obscuro de *là bas*. Como soe acontecer nessa pobre e parasitária mentalidade de colonialismo cultural - por parte de uns patetas que só porque querem e porque são nisto ajudados pelos seus próprios colonizados, se consideram de *là haut* - colonialismo ainda em franco exercício por debaixo dos propalados globalismos pós-modernos atuais.

serem desmontadas se e quando se puder, e se é que o devam ser. Este o trabalho perigosíssimo da 'cura', risco maior de analista e analisando, e que não é toda vez que surte efeito, embora surta mesmo alguma vez. Entre o surtir e o surtar, ali se sobrevive vez a vez.

#13. Na lida da cura, há gente p. ex. que supõe - e achando nisto façanha - que há um tempo específico para a psicose, o que certamente a caracterizaria se comparada com as outras mazelas supostamente mais comuns se não mesmo mais normais... do psiquismo, estas empastadas no tempo cotidiano das nossas mesmadas bobagens¹¹. Como se cada formação não tivesse o seu próprio, seja ela qual for, seja ele o que quer que se torne. Como se a dita psicose, surtada ou não, não fosse mais freqüente, mais comum, do que sua manifestação mais grave, ou pelo menos mais notória se não apenas mais espetacular, pode fazer à nossa ingenuidade parecer. (Do mesmo modo, não muito longe disso, que há gente, vê se pode!, que arruma todo um 'museu do inconsciente', como se houvesse algum outro, bem no meio do vasto, geral e irrestrito museu do inconsciente verdadeiro: tudo isso que se espalha pela loucura de todo e qualquer mundo). É claro que o vetor da psicose é ao contrário, regressivo¹², mas isto não faz um Tempo 'mais diferente' do que os demais encontráveis por galerias e galeras do nosso *pathos* (des)comunal. Mais engraçado (ou não) é quando um temeroso temerário se desbraga a respeito do Tempo da malfadada, malfalada e mal-

¹¹ Chaim Samuel Katz: *Temporalidade e Psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 7 a 40.

¹² Conforme já mostrei no *Seminário de 1992, Pedagogia Freudiana*, RJ: Imago, 1993, p. 38 a 83.

tratada 'perversão', lata-de-lixo errôneo-e/ou-pseudo-conceitual dos alarmados com a impotente ruindadezinha de suas neurosezinhas analisadas (como quem diz *politizadas*) pelo mero convívio discursivo entre os 'pós', claramente afastados de qualquer adequada e eficaz intervenção¹³.

#14. É no *Primeiro Mestre* que alguns encontram razões para seu destampanho temporal. Acoimar tanto Freud¹⁴ de tapado ou de tonto, ou pelo menos mais que o merecido, pode ser esse jeito de catar nos seus refugos (cartas a fulanos, prefácios a sicranos, admoestações a beltranos) momentos mais preciosos de seus teoremas do que os que ele encampasse, de bom grado, para sua obra como tal por ele reconhecida (e mesmo ali, que não se presuma demais). Apesar de supostos atofalhos, denegações, recalcamientos, etcéteras: que se podem imputar a qualquer impunemente (naturalmente que só depois do próprio mestre supracitado). Quando invento destalado tal bossa ou tal atalho, por que não havê-los por meus mesmo, em vez de encasquetar, de qualquer jeito debitá-los a mestres ou predecessores, e por vieses espúrios? Por que cartas a Fliess, cento e doze ou mais quantas elas fossem, diriam melhor de suas memórias do que todo o exarado pelos textos perfilhados? Há bobos

¹³ Por exemplo, o que acontece nesses Helsingör só pode mesmo ser é gozação. Há hojendia um fenômeno editorial, recente na colônia mas velhusco nas cortes, de intensiva e expansiva reciclagem do rebotalho acadêmico, até que competente para justificação eventual, perante os forçados dos contribuintes, das tais bolsas 'de pesquisa' raras vezes eficaz. Trata-se propriamente do que podemos chamar de Efeito-do-Pós. Não exatamente igual aos efeitos do pó, mas não tão diferente. Como que um verdadeiro efeito-placebo da cafungagem intelectual. Respira-se gesso e se fica trincado e loquaz, a ponto de se excretarem lautas laudas de dispensáveis pseudo-brilharecos universitários.

¹⁴ As asneiras de Freud são apenas as asneiras de Freud. Qualquer geniozinho, de todo calibre e de qualquer campo, também diz asneiras de montão. Mas não é por aí que se avalia a sua força e o seu tamanho. Como ensinava aquela menininha de J.G. Rosa, personagem de estória, "é melhor falar bobagens do que calar besteiras" - conforme preconiza a própria psicanálise, pelo menos para pôr em futurível a 'saúde mental' do freguês. Melhor avaliar pelo poder de sua **fixão** (a fixação de uma ficção, em função da grandeza de sua questão).

para tudo! Inclusive bobos para lembrarem que há bobos para tudo. E melhor: por que mesmo achar obrigação de achar de tudo em Freud? Como se já não valesse a sua baita sacação, para ainda termos de lhe cobrar pleno rigor e plena consistência em toda e cada mínima fração de suas tentativas de explicitação daquele susto. Como já pus de outra feita, nesse garimpo sem mais ouro outro que o já mais ou menos afoitamente recolhido, já se faz é só lama quando abusam desse modo no bateio. Então, coragem!, psicanalistas e teóricos: vão perscrutar outras minas, e não recidivar nos mesmos veios, aliás há certo tempo que esgotados. Receita: não confundir, na tolheita, o nome da impotência com o da castração.

#15. O *Segundo Mestre* parece mais benfadado a todo tipo de indébita propriacitação. Um 'retorno a Lacan', se não para nada, pelo menos para se informar sobre o que foi mesmo que ele disse, e até onde mesmo é que ele foi, já se faz necessário. Não é preciso mais esperar, 'a respeito', nenhum maior *tempo para descompreender*.

#16. Reclamam de Freud não ter deixado nem um livrinho, um artiguinho, uma notinha, sobre o que fosse o seu Tempo na Metapsicologia. É porque ele não fosse assim tão leso - e bem sabendo que, como o Diacho de Rosa, Tempo, este, sozinho, solteiro, cidadão, ele não existe não. Existe é formação formada: resistência. O Tempo como efeito do Haver e das modalidades que todas juntas o compõem.

#17. Um desses efeitos, o mais freqüentemente maltratado, é a chamada eternidade: devaneio que nos fascina e nos oprime, como uma bênção ou uma maldição? Não. A eternidade não é uma ilusão. Muito ao contrário, é uma realidade temporal (quer dizer, resistente) que não é prêmio, mas condenação. Escamoteá-la é tapar com peneira a luz aguda de uma ferida narcísica que talvez nos seja de todas a pior: a de que não estaremos, algum dia e desde algum lugar, em condição de sermos os felizes contempladores de nossa então completa finição. Pois que a morte não há significa 'apenas' isto: que não estaremos presentes ao (para cada um de nós mesmos apenasmente suposto) nosso fim, o que quer dizer que viveremos, cada um de nós, para sempre; que estaremos, cada um de nós, eternamente presentes ao nosso caso de Haver. *Per omnia secula seculorum* é do tamanho de nosso Tempo de 'hação', do primeiro (mas não há primeiro) ao... já ia dizer *último* 'hato' de nossa *performance* (para não dizer *representação*). Assim como está escrito na suposta sepultura de Marcel Duchamp: "São os outros que morrem, aliás". Quem sabe não é este o sentido primaz do 'eterno retorno' daqueloutro colega malucão?

#18. Nada mais *Un-heimlich*¹⁵ do que esta notável sensação: de que não teremos o sonhado descanso em nenhum *home* ou *chez soi* lá fora, assim como, cá dentro, em nossa casa, no recesso mesmo deste nosso lar, o que temos é o cansaço eterno, in-ter-mi-nável, de não podermos escapar de uma vez ao malestar. Onde o

ato-falho exemplar do suicida - que Lacan malentendeu. Mas se no suicídio - que não faz cessar o Tempo - não se pode encontrar nenhum sucesso exemplar (como queria Lacan), nem por isso o ato recai sob juízo, pois que escapa vez por todas à nossa apreensão. Bem outra coisa é a eficácia, para vivos, de sua sueta e safada proibição.

#19. De tudo que se passa, hojendia, talvez não haja nada mais importante, 'para compreender', do que o Tempo mesmo, podem crer. Um senhor escritor acaba de nos cutucar¹⁶ sobre o que possa ser, hojendia, efetivamente revolucionário (afora as "revoluções" da nova ascensão da mentalidade nazi-fascista, dos mercados mundiais e da economia virtual¹⁷). "Achar seu próprio tempo nessa espatifação do tempo, esta é a grande aventura, e isto é o que eu tento viver, pensar, e relatar. Que esta aventura é revolucionária, quer dizer, violentamente oposta, mas com calma, às 'revoluções' de aparência ou neo-fascistas, me parece evidente. Que meus amigos possam duvidar disto, é muito natural. Mas os inimigos, eles não duvidam não".

Entendamos, então, que nem toda resistência é francesa, ou exclusividade de qualquer distinta nação. Que podemos retomar o nosso Tempo em nossa mão, ou melhor: que nosso Tempo É nossa

¹⁵ Segundo o teor próprio desta **Palavra-Revirão**.

¹⁶ SOLLERS, Philippe. **Picasso Avec Sade**. Entrevista a Jacques Henric, in **Art Press**, Paris, Dezembro de 1996, p.30 ss.

¹⁷ "Muitos indivíduos atraídos por esses mercados, disse Keynes, são de natureza dominadora e até psicopata. Se suas energias não encontram uma saída ganhando dinheiro, podem voltar-se para carreiras que envolvam crueldade gratuita e desenfreada. É muito melhor absorvê-los em Wall Street ou na City londrina do que no crime organizado". Isto se pode ler à p.18 do livro de Paul ORMEROD, de 1994, **A Morte da Economia**, publicado aqui pela Cia. das Letras em 1996. Entretanto não seria de modo algum estranhável num livro sobre Psicanálise. No caso da Economia, vamos ver então o que vai acontecer quando acabar a festa neoliberal. No da Psicanálise - mas ali a coisa é de estarrecer -, quando é então que vamos ver?

mão. Mas será bom não esquecer por aí que vai uma distância enorme entre a resistência compulsiva, apenas sintomaticamente ressentida, e a resistência assumida, isto é, reconhecida porque trazida à nossa chance de escolha em conscientização. É assim que podemos saber se a Psicanálise, afinal de contas, serve para quê.

#20. Vou então retomar por um pouquinho¹⁸ o reparável das formações (que havia deixado e ainda deixarei para depois¹⁹). De sua noção é que dependem os relógios da psicanálise em seu funcionamento e em suas marcações.

O tempestivo da clínica tem que ser curtido antes-ainda do intempestivo da suspensão (onde vigora o 'interno' da indiferença e o 'externo' da exasperação). Para que, só-depois, o agora clareado retorno à comunidade do Haver, com suas diferenças em competição, nós o possamos exercer, engajados por que não?²⁰, mas então já 'operados' pela hiperdeterminação.

"Que agora tudo tem medida e mede-se ao bípede celeste do tamanho do infinito: o infinito que ele teve e vai tentar trocar pelo que é breve"²¹

¹⁸ Para melhor entendimento, ver o termo de **Gnômica** (que vem em substituição a *Teoria do Conhecimento*) em meus **Seminários** mais recentes.

¹⁹ Cf. #3 supra.

²⁰ Afinal de contas, "l'inconscient est structuré comme on l'engage" ou não é? Ultimamente ele tem sido engajado pela "linguagem". Não é à toa que Fredric Jameson (**Pós Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**, São Paulo: Ática, 1996, p.325) pode nos lembrar: "Mesmo se o Grande Irmão não estiver vigiando você, a Linguagem está".

²¹ TOLENTINO, Bruno. **A Balada do Cárcere**. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996, p.69.

É aí que as formações podem ser reparáveis: no duplo sentido de serem notadas e de sofrerem reparação. Sofrerem reparação e serem notadas umas pelas outras - pois que não há nenhum 'sujeito', aí nesse negócio, a sarrá-las de cima como dono gaudêncio da situação.

#21. Sem 'sujeito' nenhum, mas passíveis de eventual comoção pela hiperdeterminação (isto é, uma epifania do Originário), as Formações do Haver, sejam elas Primárias ou Secundárias, em nada heterogêneas mas tão somente que trancadas pelo *lock*²² de sua própria programação, cada uma delas é um fato por si só, mesmo quando a pomos para funcionar como 'conhecimento' ou 'interpretação'. Da falta de nosso entendimento resignado deste fato, nos advêm malentendidos de montão, nos sobrevêm sengraçamentos a granel.

#22. Motivo nenhum para ficar envergonhado de nossa herança cósmica ou animal. O Primário é a Sede mesma do nosso Secundário e do nosso Originário. *O pudenda origo*²³ é o escambau! Foi só assim que aconteceu a gente aparecer Gnoma por aqui. Mas foi assim Gnoma que a gente apareceu! Apesar do neo-etológico, se não mesmo neo-zoológico da situação. E pouco importa quando e se acharmos os colegas de silício ou de latão: nós também somos ETês. Mas não vamos fingir não estarmos refertos dessas todas multifá-

²² No sentido, p. ex., dos 'cadeados' da Informática.

²³ Nietzsche, *Aurora*, fragmentos 42 e 102.

rias formações com as quais, inevitavelmente, então saibamos compartilhar as temporalidades, recalçadas ou não, que vazam pelos furos da higidez dos nossos teoremas, com seus 'significantes' feitos da mais *pura* matéria da nossa... mais idiota denegação. As palancas, recalcentes, fincadas na (nossa) imbecilidade cósmico-carnal²⁴, são retardos da ALEI, resistências que contam nosso Tempo só porque o são. Mas resistências removíveis (qual o custo é bem outra questão) no movimento mais ou menos vagaroso, menos ou mais pressuroso, de nossa aplicação. Mas jamais as removeremos se delas não tivermos a mais límpida noção.

#23. Motivo também nenhum para vergonhas por nossa herança cultural. O Secundário se decanta, é claro que também a partir das formações que o Primário oferece, de graça, como exemplares facilitações. Mas é ele que força, por via de hiperdeterminação, as novas consecuições, as próteses - de qualquer índole, de qualquer material - que se inauguraram por todo o seguimento de nossas transações através da epopéia que nos trouxe até nós. Mas é de nos envergonharmos, sim, quando restamos, novos-macacos, subumanos (ou senão apenasmente humanos demais para alguém de alguma suposta vocação de superhomens), afeitos à verdadeira neo-etologia das nossas assentadas formações culturais (essas ditas 'simbólicas') enquanto metáforas (quer dizer, sintomas) já de longa data defastadas de seu fulgurante e epifânico momento de aparição. Esse é o Tempo resistente da Imbecilidade e não o Tempo (também ele resistente, mas *enriquecedor para mais que inovador*) do acontecimento como criação. Também as palancas, recalcentes, fincadas

²⁴ Cf. Nota 2 supra.

também na (nossa) imbecilidade cultural, também são retardos da ALEI, são também resistências que também contam nosso Tempo só porque também o são. Mas como aquelas do Primário, e bem mais facilmente talvez, são removíveis pelo nosso tesão.

Reparemos bem em cada formação, de qualquer nível e com suas infinitas possibilidades de trans-ação - e aí talvez possamos reparar, ocasião por ocasião, formação a formação, nossos saberes sempre provisórios, porém jamais de se jogarem fora, segundo uma pragmática eficiente porque radical. Esse reparo integral é o que pode resultar cabalmente para nós, não em ciência, não em filosofia, não em religião, mas na arte total de uma trans-formática²⁵ final. Quem sabe não é este o conceito acabado de comunicação?

#24. O Tempo de Haver é o Tempo do Suicídio da Borboleta (seu nome grego é *psiquê*), quer dizer, o Tempo é o que Ela dura, entre fúnebre e etérea²⁶, desejando não-Haver. Então os Tempos da Psicanálise (que são Fatos), dentro do Tempo de Haver, como os outros Tempos quaisquer inaugurados ou inauguráveis, são afinal aqueles Mesmos de outros Sempres - que fundados pelo Poeta se no Haver decantados: *Was bleibt aber / Stiften die Dichter*²⁷. *Die Dichter*, quer dizer, OPOETA. Opoeta é só HUM - embora possa exibir zilhões de bocas - Primárias, Secundárias - de gritar, de dizer e de calar. O seu nome é GNOMA em nosso vocabulário especial, GNOMAGNOMA-GNOMA²⁸ por extenso e em conformidade com a reiterativa repeti-

²⁵ Cf. Meu Seminário de 1996, "*Psychopathia Sexualis*", onde introduzi a noção de uma **Transformática**, cujo nome, em emulação com o da Informática, indica a **trans-ação** generalizada de toda e qualquer com qualquer e toda Formação do Haver, de qualquer nível, de qualquer extração.

²⁶ Cioran: "A vida é etérea e fúnebre como o suicídio de uma borboleta". (*Oeuvres*, cit., p. 361).

²⁷ Hoelderlin.

²⁸ Eu também 'sou todos os nomes da história', da geografia, da biologia, da cosmologia, etc., etc.

ção. Que cada vez mais humanos, à sua vontade, tenham acesso a
Isso que os compõe - e que os especifica como Os Tais.

#25. Amém.

Recreio, Revirão 96/97